



DAVID CANABARRO.

Lith de J. Alves Leve

# REVISTA

DO

## PARTHENON LITTERARIO

---

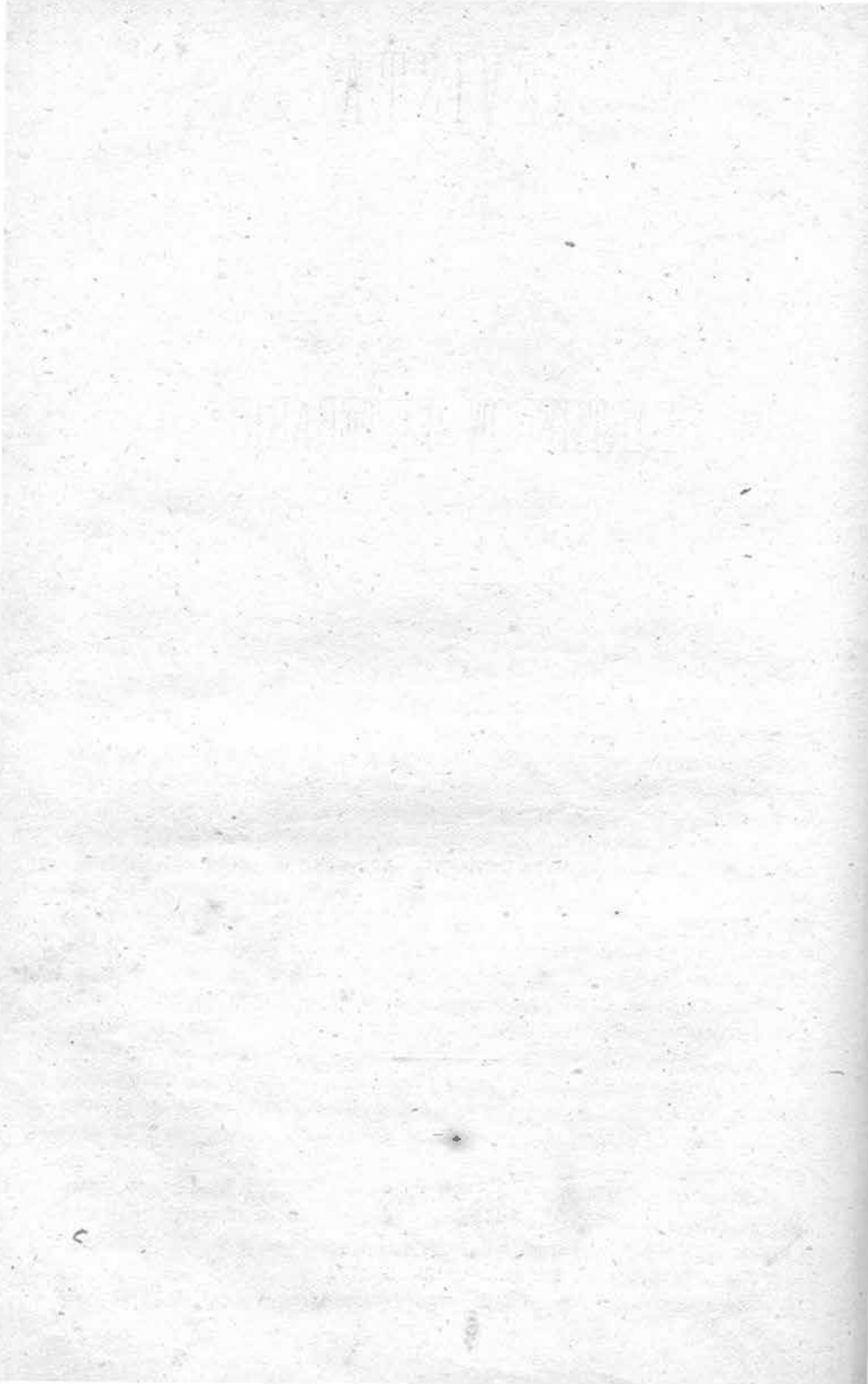
TERCEIRO ANNO

MARÇO DE 1874

---

PORTO ALEGRE  
IMPRESA LITTERARIA

1874



# ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

DAVID CANABARRO

## I

Ha typos sympathicos e abençoados, que, por assim dizer, symbolisão toda uma geração que passa !

Ha homens, cujos nomes, presos á uma phase qualquer dos fastos de sua patria, são um pharol brilhante para os caminheiros do futuro, mostrando-lhes a verdadeira senda da gloria.

No meio das evoluções e revoluções constantes porque tem passado a grande familia humana, a historia, essa arca santa, que salva dos naufragios do tempo, a memoria e tradições dos seculos que tem passado, desde as nebulosidades do genesis; a historia, Pantheon vivo e interminavel dos fastos da humanidade, aponta-nos milhares d'aquellas creaturas privilegiadas.

Succedem-se os seculos uns aos outros; uma geração nova, que desponta cheia de esperanças vem tomar o lugar de outra, que se retira ao vórtice insondavel do tempo, gasta e abatida.

E a humanidade, e o *mundo marcha*, como disse Pelletan; marcha do finito, imperfeito e contingente, até encontrar a raia milliaría do infinito; até estacar diante do *nec plus ultra* de sua perfectibilidade.

Collocada entre o berço conhecido, e a campa ainda ignorada da sociedade humana; a historia, soberana e dogmatica em seus juizos, liga os elos eternos da cadeia que prende o creado ao increado, o passado ao porvir.

Conselheira intima e fiel, ella, autorizada pela verdade de sua

doutrina sem atavios, diz ás gerações presentes o que as passadas fizeram. Analysa-as, commenta-as, phase por phase, de feito á feito; e d'esse exame analytico, d'esses commentos reflectidos, tira a luz com que, nova sybilla, prophetisa o porvir, sondando os arcanos do desconhecido.

Ante o seu juizo severo, porém desapaixonado, somem-se as lutas pequeninas, que muitas vezes se levantão contra o verdadeiro merito. Diante d'ella calão-se as vozes do amor e do odio, das affeições e do despeito.

Verdadeiro crysol em que se apurão e depurão as reputações, separando a materia prima da escoria e das fezes, ella nos mostra o bem e o mal em sua nudez nativa, para que de um tomemos • exemplo benefico, e evitemos do outro a influencia funesta.

E' em homenagem á historia, e muito particularmente á de nossa provincia, que, embora deficientes de noticias sobre a vida do grande cidadão David Canabarro, escrevemos hoje este artigo dedicado á sua saudosa memoria.

## II

A provincia do Rio Grande do Sul, perla abençoada e inestimavel do diadema do Cruzeiro; é nobre e grande entre as suas co-irmãs, pela doçura e suavidade de seu clima; pela feracidade de seu uberrimo solo; pela sua magnifica topographia e hydrographia; e, mais do que tudo, pelo typo especial e privilegiado de seus filhos, que sabem conservar illesas as tradições gloriosas de seus progenitores.

• seu passado, ainda diminuto, attento o pouco tempo que tem decorrido desde a fundação dos primeiros povoados da capitania, é, comtudo, grandioso e soberbo pela riqueza de factos historicos, que nada tem a invejar aos da antiga Roma.

O valor de seus filhos, nunca desmentido nem contestado, ahi existe como um attestado vivo do que avançamos.

Pujante e gallarda nas guerras que enlutárão o começo do seculo presente, quando duas coroas, ambas estranhas ao solo americano, porém, sedentas ambas de riqueza, dilaceravão a terra de Colombo; a provincia do Rio Grande, sentinella avançada ao meio dia do Cruzeiro, occupou n'ellas distincio e honrosissimo lugar.

Mais tarde, e já no segundo quartel do seculo, quando após ás lutas da independencia, os aulicos da cõrte tripudiavão sobre a ruina da patria, que estragavão, como os urubús famintos sobre as carnes ainda palpitantes da victima; a provincia do Rio

Grande, emula de Roma e Grecia, pelo civismo e abnegação patriótica de seus filhos, collocou-se na vanguarda dos revolucionarios, proclamando-se livre e republicana.

E, n'esse decenio, decorrido de 1835 á 1845, quantos episodios sublimes não apparecerão para compôr a epopéa homérica d'este brioso povo?!...

Os nomes venerandos de Canabarro, João Antonio, Netto, Bento Gonçalves, e tantos outros, ahí estão na memoria de todos, como dignos competidores dos de Catão e Brutus.

Fizerão todos elles o que lhes era humanamente possivel em prol da causa santa e justa da liberdade patria.

Se de seus arrojados commettimentos e valorosos feitos não veio, como prompta sequencia, a segregação da provincia do resto do imperio, não se lhes deve inculpar esse desenlace, que elles, certamente não almejavão.

### III

Em fins do século passado, (anno de 1793) na epocha em que o orbe ainda se agitava ante o impulso da maior das revoluções, que até então o abalarão, nasceu em tecto humilde e de obscura familia, na villa de Taquary, o grande cidadão David Canabarro.

N'aquelle nascimento pobre e inferior, confirmava-se mais uma vez, o juizo sentencioso de sonhador de Pausilippo, quando disse: « *Nascitur exiguus, sed opes acquirit cundo...* »

Emballado e educado nos primeiros dias de sua infancia, com as lendas e tradições gigantecas das raças bellicosas, que então se debatião nos seios da mãe patria, o menino, que mais tarde deveria tornar-se um grande cidadão, inclinou-se muito cedo á vida aventureira das armas, sentando praça em 2ª linha (milicias) dos 16 aos 17 annos de idade.

Pobre, sem recommendações officiosas, que o fizessem valer aos olhos dos senhores de braço e cutello, que então dominavão no Brazil, o joven Canabarro manifestou muito cedo, aquelle valor, tino e firmeza de resolução, que devião distingui-lo em toda a sua brilhante carreira.

Era-lhe mister lutar e muito com o preconceito, arcar braço a braço com a hydra da inveja e do despeito, para conquistar o lugar de honra, que lhe competia entre seus bravos irmãos de armas.

Já nas campanhas de 1811, em que seu brio e valor militar se fizeram conhecidos, David Canabarro, simples cabo, soube tornar-se recommendavel aos olhos de seus superiores; obtendo depois,

com geral agrado, o posto de alferes, e com pequeno intervallo o de tenente.

Foi ainda como alferes, que, pelo seu inexcedivel valor e sangue frio, coube-lhe a gloria de salvar o exercito nacional no ataque do *Rincão das Gallinhas*, quando por extrema e expontanea resolução carregou com seus subordinados sobre as columnas inimigas que terião vencido o exercito desprevenido, á não ser a providente resolução do valoroso guerrilheiro rio-grandense!

Desde então o nome de David Canabarro ligou-se á todos os feitos gloriosos da historia militar da provincia; servindo elle no exercito até a campanha de 1825, epocha em que se retirou á vida privada, dedicando-se, como alguns de seus modelos romanos aos labores da vida pastoril.

Na fronteira do Estado Oriental formou elle uma sociedade com seu tio Antonio Ferreira Canabarro, d'onde originou chamar-se David Canabarro o illustre rio-grandense, que até então fôra conhecido pelo obscuro nome de David José Martins.

Ahi, longe dos negocios publicos, e do turbilhão nefasto da politica prostituida, que era já um prenuncio da desmoralisação, que hoje avassalla os timoneiros do Estado, o cidadão Canabarro punha em pratica o axioma do mestre Horacio:

Beatus ille, qui procul negotiis,  
Ut prisca gens mortalium,  
Paterna rura bobus exercet suis,  
Solutus omni fœnore!

Quando em 1835, (20 de Setembro) um pugillo de bravos, respeitadores das tradições de seus maiores, unirão-se em massa compacta para proclamar a revolução d'esta provincia, David Canabarro, entregue aos misteres de sua vida laboriosa, não foi dos primeiros que acompanharão o movimento revolucionario.

Não é que lhe faltasse o brio; não que lhe fallecesse o titanico civismo, com que mais tarde se empenhou na luta.

Motivos superiores e alheios á vontade do grande cidadão o detiverão por algum tempo, até que, enfim, compellido pelo dever de patriota á reagir contra os actos de iniqua arbitrariedade e prepotencia de alguns chefes da legalidade, elle vio-se coacto á deixar a vida do lar, pelas novas aventuras da guerra, que havia começado.

Pelo trabalho, dedicação e amor á causa republicana, de que foi um dos extremos defensores, David Canabarro, que se alistára como simples official subalterno nas fileiras republicanas, galgou as maio res posições militares da republica, chegando a ser seu arbitro e primeiro chefe.

Sem que se lhe esmorecesse o animo ante as privações o pro-



vações porque passavão, tanto elle, como os seus companheiros de armas, era o seu nome querido e respeitado pelos que servião sob suas ordens.

Apontar um por um todos os combates e batalhas em que David Canabarro tomou activa parte, era quasi historiar a revolução da provincia, o que não é de nosso plano n'esta simples noticia biographica, nem possivel de executar-se agora no acanhado espaço de uma *Revista*.

Apontaremos, comtudo, alguns dos mais gloriosos feitos de sua vida militar, como seão :

O combate de Rio Pardo, no dia 30 de Abril de 1838, combate em que Canabarro, e seus briosos companheiros Netto, Bento Manoel Ribeiro e João Antonio, derrotarão os imperialistas commandados pelo bravo general Sebastião Barreto Pereira Pinto, que vio perdida completamente a acção, por obedecer ao *sic volo* do marechal Antonio Elisiario, que então administrava a provincia por parte do imperio.

Em seguida á esse combate e muitas outras pequenas pelepas em que o exercito republicano se distinguia, e sahia victorioso, o general Canabarro foi com as forças de seu commando sitiar a villa da Laguna, na provincia de Santa Catharina, occupando a em 23 de Julho de 1839.

Ahi, senhor de porto tão importante, o general Canabarro fez logo armar uma esquadilha, empregando quatro embarcações em corso.

Commandava essa esquadilha o grande heróe da liberdade italiana, José Garibaldi, então ao serviço da republica rio-grandense.

Por um d'estes incidentes do guerra, quasi sempre imprevisitos, vio-se o general Canabarro obrigado á evacuar a villa da Laguna, retrocedendo com as forças de seu commando ao interior d'esta provincia, em fins de 1839.

Nova serie de trabalhos e triumphos estava aqui reservada ao valente general ; sobresahindo entre todos elles a parte activissima que, com Bento Gonçalves, tomou no combate da villa de S. José do Norte, em 16 de Julho de 1840.

#### IV

Se quizessemos, ou nos fosse possivel enumerar aqui todos os feitos de sua vida militar, fôra preciso consagrar-lhe um livro especial. Faltão-nos para isso o tempo, e apontamentos minuciosos em que fundemos nossos juizos.

Por segunda vez voltou o grande cidadão, em 1845, depois da pacificação da provincia, á occupar-se de seus trabalhos pastoris. Assim fazia o grande Cincinnato nos dias gloriosos da antiga Roma! Assim o fez o dictador Camillo, quando expulsos os gaulezes, voltou aos seus trabalhos agricolas! Assim o fazem todos os grandes homens, que se devotão á divina causa da liberdade humana! . . .

## V

No retiro de sua fazenda junto da villa de Sant'Anna do Livramento, passou o illustre general o ultimo quartel de sua vida, prestando sempre, como bom cidadão, os seus serviços valiosos á causa publica, já como commandante d'aquella fronteira, já como legitima e inquestionavel influencia politica em sua provincia natal.

Foi ainda d'esse pacifico remanso, d'essa Thebaida tranquilla em que vivia o illustre guerreiro, que os reclamos da patria, offendida por um barbaro, o forão arrancar no anno de 1865.

Devotado e leal servidor da terra que lhe dera o berço, David Canabarro, alquebrado pelos padecimentos physicos, que mais o affigião do que a velhice, não trepidou um momento em assumir o seu posto de honra, quando a patria o reclamou.

A historia da invasão da provincia pelo exercito paraguayo, terminada pela gloriosa rendição da Uruguayana, está ainda muito recente no animo de todos.

Fallar n'ella, para assignalar ao general Canabarro o lugar de honra que lhe compete, não é tarefa propria d'este momento.

Ha ainda feridas que sangrão; odios pequeninos que se debatem; e que só o historiador de uma nova geração poderá, sem peias, dizer a verdade.

Quem actualmente o fizesse, sujeitar-se hia á má vontade e á duvida pyrrhonica de muitos.

Quanto á nós, gritem embora os aulicos, embocando a tuba da diffamação posthuma contra o illustre general, é nossa opinião, humillima, porém desapaixonada, que elle n'esta ultima phase de sua vida militar, como nas anteriores, foi sempre um vulto homerico, d'esses que hourão a terra de seu nascimento.

Como rio-grandense, como cidadão amigo das glorias da patria, eu devia este tributo ao meu finado comprovinciano. Venho pagar-lh'o, como posso: sem galas, sem atavios; porém sincero, porém expontaneo.

Porto Alegre, 3 de Março de 1874.

MENEZES PAREDES.

# FEITIÇO D'UNS BELJUS

(ROMANCE)

XIX

## EFFEITOS D'UMA CARTA ORIGINAL

Enquanto André ia percorrendo « com grande execução o teclado da vagancia », como elle o dizia, vejamos o que faz Josephina, e qual é a tempestade que ella affirmava em sua carta formar-se na familia de Esperidião.

Pulcheria e ella havião chegado, ha pouco, d'uma visita em casa de Brigida, velha distincta por umas falripas ruivas e por conhecer a vida publica e privada da muito leal e heroica cidade de Porto Alegre; lingua que vibrava a calumnia, a insidia, o mexerico, a intriga e o cœmento audaz com tanta eloquencia como habilidade.

Tacs conhecimentos traduzem Pulcheria.

Josephina entrára contrariada em extremo, galgára ligeira o mirante, e desfazendo-se do véo, appendice obrigatorio para não ser vista e admirada, e atirando o branco lencinho de cambráia e as luvas cõr de perola sobre a mesa, fõra sentar-se com assõmos de profundo aborrecimento.

— Meu Deus, até quando soffrerei Pulcheria e Brigida? Só minha paciencia!

Elle pousando a mão na face ficou a seismar, mas tão bella, tão melancolica, tão absorta!... Ah! Se a visses assim, André, tro-

cáras uma eternidade de existencia por um minuto de contemplação a seus pés. . . E não vês como suas roupagens são simples como o seu coração? Com o vestido de lãsinha azul-gaio sem outro atavio além do trancelim da mesma côr? E como lhe senta bem! Como lhe desenha as fórmãs estatuarias?

Emquanto a pupilla baloiça-se pensativa no mundo da phantasia, o burlesco tutor vai a caminho do correio ver cartas do nosso conhecido Zacharias. De facto encontrou uma pelo seguro. Abrio-a e leu.

Trasladamos por interessar á nossa narração os seguintes tópicos:

« Meu pai, hoje conheço mais que nunca, que a móla real do Universo é o tal senhor dinheiro. Quem não tem cumquibus naturalise-se tupinambá. Veja se não tenho razão: chega-se em Santos e logo paga-se no hotel até o que ninguem come; depois são necessarios muitos e muitos burros para ir a S. Paulo, burros para o viajante, burros para peães, burros para a bagagem, etc.

Na estrada ha uma tal invenção chamada barreiras sem pagar as quaes, nem as pessoas, nem os animaes e as canastras podem passar.

Em S. Paulo ha uns sorvedouros chamados *vinagres*, matriculas compradas, lentes que se vendem a bom preço, cazas, comida e criadas carissimas. Levei raposa nos ultimos exames por não ter abundancia de pecunia.

Taes e taes razões, além de muitissimas outras, fizeram-me pensar em minas. . . A mezada que recebo, é pouca para figurar. Quero carros, cavallos, chacaras, fato do melhor, bons petiscos, emfim quero ser um doutor ás direitas; mando-lhe portanto uma procuração para casar-me com a Fiphina, e desde já irei gozando da minha e sua fortuna.

Arrange depressa o negocio, e por todos os vapores remetta-me as rendas de minha mulher.

Emquanto á Fiphina, diga-lhe, se quizer vir para minha companhia, que espere, que em cinco annos voltarei, e faço muito em perder a impagavel liberdade de solteiro por sua causa. »

Esta carta, é desnecessario dizer, foi escoimada de mil erros de syntaxe e orthographia; mas o cynismo craciano e o embotamento de todos os sentimentos nobres e delicados abi ficão em caracteres indeleveis. Só o filho d'um Esperidião poderia escrevel-a.

— Que vivório! exclamou o pai, apenas acabou de ler o montão de torpezas do filho. Faz bem o rapaz. Como não vai rir a Pulcheria! Como não vai ficar contente a menina!

Tambem o taberneiro immediatamente embebeu debaixo dos pezados pés as ruas 7 de Setembro, Praia e Clara, entrando em casa esbaforido e suado como um caitetú perseguido.

Josephina continuava a scismar como toda a moça, cujo coração deixou de pertencer-lhe. A conversação que ouvira de Pulchéria e Brigida sobre a vida do proximo lhe embevecera a alma de tanto aborrecimento que teve por unico refugio o mundo do passado e as aspirações do futuro.

— Se André não fosse imprudente, poderíamos continuar em nossa correspondencia nos vasos da praça... Até já eu teria deixado o F. anonymo para assignar com o meu verdadeiro nome...

E depois de breve recolhimento :

— Porém, para que mais mysterio? Porque não hei de dar-me a conhecer? Esta gente não procura matar-me? Não sou todos os dias victima de mil grosseirias? Não sei mesmo porque os soffro, quando André mostra amar-me realmente... Não diz elle :

O que aspiras, mulher, que não comprehendes  
Que o tempo vai fugindo dos amores?

O que espero n'esta solidão?... Sim, o que espero?! Zacharias? Um exilio perpetuo do mundo? Quem dá o direito ao tutor de escolher noivo para a pupilla? Quem o fez senhor de minha vontade? Que prazer sinto aqui em ser escrava e humilhada, quando fóra seria livre e feliz? Se devo ficar eternamente obediante e vacillante para que escrevi a André, porque lhe revelei os arcanos de minha alma? Quão fracas somos! Temos a força e a coragem de amar um homem, como talvez elle nunca pudesse retribuir-nos, e não somos capazes de manifestar n'um só acto o que occultamos no coração de extremos, amor e ternura! Tememos a opinião publica? Temel-a em que? André jamais abusaria da mulher que lhe pedisse amparo e ventura; quando negasse um, não negaria por certo o outro. Se eu o tivesse julgado de outro modo, nunca o teria amado. E que importa á opinião publica o amor obscuro d'um ente a quem não conhece? E inda que me conhecesse, serei acaso obrigada a viver e a pensar pelos outros, não darei um passo que não seja aconselhada por milhares de pessoas que naturalmente não tem os mesmos sentimentos a respeito de André? Eu o amo, d'elle espero tudo, nada dos mais. Eu o amo... Mas para que estou a repetir ideias de todos os dias, se recio diante d'uma resolução... E necessito, meu Deus, tomal-a! Ou então se desdobrará ante meus olhos o mais negro dos quadros: um tutor brutal que espera entregar-me a um filho não menos brutal, guiado sómente pela cobiça! Fosse Zacharias a belleza e a virtude unidas, eu não o amo, não o quero,

prefiro a morte. Para que não chego-me a Esperidião, não confesso tudo e não lhe entrego uma fortuna, que veio para meu martyrio, persegue-me e por fim ha de tornar me a mais desgraçada das mulheres? Covarde que sou! Temo até desfazer-me do que é meu! Porque hei de fugir á ventura que sorri? Não me comprehendo!

Adiante iria no soliloquio, se Esperidião e Pulcheria não resurgissem com o semblante borrifado d'uma especie de sorriso maligno.

— Fiphina, disse o homem da taberna, grande novidade nos trouce... O' se soubesses!... Queres saber? Não te apresses, menina... Nem Deus sempre ajuda a quem muito madruga.

— Ora, maridinho, conta... Fiphina está ardendo... Filha de Eva! Que gosto de amofinar os outros com taes brincadeiras! E chegando-se ao ouvido da moça mais que nunca exacerbada, cochichou-lhe:

— O' Fiphina, como não vais ficar contente?! E' um presente do céu.

— Não os comprehendo.

— Lê isto, e Pulcheria entregou-lhe a carta do mazorril Zacharias.

Josephina, quando a concluiu, estava pallida como uma caryatide de lioz.

— E' demais! E'... e não pode terminar, mas a carta cahia em fragmentos aos pés das duas alimarias.

— Que é isto? rugirão os dois.

A indignação passou pela fronte da virgem, como o relampago que lambe o céu em bella noite de estio.

— Merece o que fiz, retorquiu, com um gesto de soberano desprezo.

— Que desafôro! esbravejou Pulcheria com as mãos nos quadris. Desavergonhada! Lagarticha! Atrevida! E ha de a gente criar os filhos dos outros para receber semelhante paga? Eu bem dizia... Em que és melhor do que meu filho, jararaca? Diz, diz, senão vou-te com ambas as mãos á cara...

— Eu bem disse, mulher, atalhou o marido, que bastava a procuração. Que tinhas a mosirar a carta?

— Cala-te ahí... Então essa filha sem pais, essa abandonada que recebemos pôr misericórdia, e que deve inchar por ter nosso filho por marido, ha de contar-nos historias e hei de ficar calada? Não sei onde estou que não lhe ensine a tratar com gente de nossa qualidade... E ergueu a mão fechada e com aspecto tão horrendo e ameaçador que a moça recuou, e Esperidião difficilmente interceptou-lhe os movimentos.

— Mulher, vai para baixo. Deixa-me só com Fiphina, não é assim que se tratão negócios.

E a foi conduzindo; porém não sem ella despejar ainda um diluvio de blasphemias, pragas e injurias sobre a innocente victima.

Josephina cahio sobre uma cadeira. O coração lhe pulsava com tanta vehemencia que o justillo estalava.

Esperidião voltou logo.

— Fiphina, é necessario casares. Zacharias foi o escolhido por teu tutor. Eu posso até encerrar-te na cadeia. As leis protegem-me. A pupilla não tem vontade em caso de tanta monta. Até á noite pensa sobre o caso e vê o que fazes.

E sahio.

Maria, a escrava confidente, instantes depois appareceu.

— Não chore, sinhasinha, disse ella. Ouvi tudo e venho dar um conselho. Quem é que póde soffrer mais esta gentinha da pelle do diabo? Vamos para a casa do Sr. André... Elle gosta de sinhasinha e não ha de consentir que botemos mais o pó aqui.

— Sim, Maria, eu quero sahir a todo o custo d'esta casa... Meu Deus! Como tenho soffrido! Vai e conta ao visinho o quo passou-se.

A's seis horas da tarde o Chico Caipóra foi sentar-se junto á latada de maracujás e começou a cantar phreneticamente.

Erão as seguintes trovas populares com algumas variantes ás circumstancias actuaes :

Minha mãe casai-me cedo,  
Emquanto sou rapariga ;  
Que o milho plantado tarde  
Dá pendão, não dá espiga.

— Mas tu, filha, é que não queres  
O cavalleiro e o cavallo ;  
Já cambão arrastarião,  
Se soltasses o pialo.

— Quem me déra, déra, déra,  
Um cavallinho de vento,  
P'ra dar uma chegadoinha,  
Onde está meu pensamento.

— Tu tens mais, querida filha,  
Que um cavallinho de vento ;

Em André a todo instante  
Tens atado o pensamento.

Bota agora o pé no estribo,  
Tóca, tóca p'ra adiante,  
E na noite que se segue,  
Estarás com teu amante.

E cantava, cantava com o entusiasmo proprio d'um moço o bom do Francisco Vieira que estremecia de prazer ante um casamento em perspectiva!

Josefina o entendeu.

Esperidião e Pulcheria que conferenciavão na varanda sobre os meios de levar a effeito o consorcio com Zacharias, tinham impetos de raiva ao ouvi-lo:

— Ah! velho tratante! Parece que advinha nossos males e alegra-se com elles!

— Homem, pois então soffres mais este desafôro? Vai ao quintal e canta tambem alguma coisa... Vamos...

E arrastou o marido.

A voz de Chico Caiçóra vibrou mais forte, como um látego que lhes fustigasse as orelhas.

O taberneiro e a inimitavel esposa, de braços dados, tambem em resposta romperão n'um horrivel garganteio:

Velho que canta  
Já é caduco,  
Não tem miolo,  
E' um maluco.

Francisco Vieira esta vez não mostrou a prudencia que lhe era habitual. Proseguiu com mais calor. Os seus inimigos, mais a mais exacerbados, tornarão á carga, e com phrases que erão punhaes acicalados sacudidos na ferida.

A noite desceu a cortina sobre a scena com bastante pezar da visinhança que assistia o duello lyrico.



XX

CAPITULO EM QUE ALGUMAS COINCIDENCIAS ENTRÃO EM SCENA

André não encontrou triaga na ebriez dos banquetes, na vida desenvolta que levava, ora em serenatas, ora no braço da Marcô da moda, ora no galope a cavallo, por horas mortas, em estradas sombrias!... O vacuo! O vacuo! Sempre o vacuo a atormental-o!

Um dia de madrugada, sahindo de uma casa de jogo, onde perdera setecentos mil réis, foi dar na modesta habitação de Chico Caipóra. Entrou machinalmente, levantou a aldraba da porta do corredor e instantes depois estava junto ao velho no fundo do quintal.

O que fazia Francisco Vieira?

Estava enxotando as formigas mineiras que durante a noite haviam aberto carreiro até um pé de jasmin, e o tinhão deixado sem uma folha sequer. Se achava tão entretido que não dera pela chegada do moço.

André, depois de por muito tempo contemplar aquella fleugma de verdadeira qualidade chinceza, interveio:

— Bom dia, meu amigo.

— O' André, por aqui!! Tão cedo!

— Que quer? Doenças d'alma! Aquella mulher foi uma terrível fatalidade!

— Quem espera sempre alcança!

— Esperar? Bello consolo! Assim, quando terão fim meus tormentos? Não prometteu-me descobri-la?

— Paciencia! E' esta uma virtude, meu joven amigo, que Deus concedeu ao homem nos mais cruentos tranzes. Não vê? E mostrava as formigas que ião levando os despojos da miserrima planta.

Calarão-se. Não foi longo o intervallo de silencio. André não poude conter se.

— Para que não as mata d'uma vez? perguntou com impaciencia nervosa.

— Porque? Acaso tem consciencia do mal que fazem? Não, de cerro. Necessitão como qualquer de nós de trabalho para a sua subsistencia, e para isto lidão sem descanso. Se eu pudesse communicar-lhes meus pensamentos, se ellas me comprehendessem, estipulariamos as clausulas d'um tratado de alliança ou romperiamos em guerra aberta. Sendo impossivel isto, deixo-as

entregues á sua sina. Compare-as, meu joven amigo, com os nomes que as perseguem sem tregoa. Quem leva superioridade e vantagem nas ruinas e estragos espalhados na superfície da terra? Não são estas innocentes creaturas que apenas esfolhã uma planta para não morrerem á mingoa. E' o homem! . . . Só o homem! Quanto não tenho eu soffrido d'elle, sem queixar-me, sem devolver-lhe offensa por offensa?

— Mas, ponderou André, cada vez mais admirado d'aquella natureza excentrica que, nórma de todas as virtudes evangelicas, ás vezes coloria-se d'uns tons de melancolica mysanthropia, d'este modo nunca poderá impedir a destruição de labores de annos e mezes?

— Engana-se, meu amigo, quem porfia, mata a caça. Veja. Outros jardins ha, mas nenhum se avantajã ao meu quanto ao viço e belleza das flores: porque emprégo previdente cautela, todos os meios ao meu alcance para obstar a approximação de insectos damnhos. E se a noite passada tocarão no jasmineiro, é porque alguns garfos que rebentarão em baixo, crescerão e forão tocar a terra, servindo de pinguela para as mineiras. Se eu os tivesse podado, não terião ellas vencido os obstaculos postos no caminho. Esqueci-me, ando, ha tempos, muito distraido. Agora lhe sirva este exemplo. Não desespere; depois d'uma noite de tempestade vem um bonito dia.

— Porém aborreço-me, tenho até odio de tudo.

— Occupe-se em alguma coisa, e, quando menos o pensar, a felicidade lhe entrará portas a dentro. Vã para uma chacara.

André sahio d'ali com o firme proposito de seguir os conselhos do veneravel ancião.

Dois dias depois viera avizar ao crioulo que ia para uma charinha que alugãra na Varzea. Estava mais satisfeito. Porque? O que ia fazer a sós n'uma casa isolada?

E' que o coração delicado que soffre as angustias d'um amor sem esperanza, pôde por momentos buscar o esquecimento no fundo das taças, no tumulto das festas; mas cedo voltará para a solidão, reconhecendo a inutilidade dos esforços: ha mais prazer em alimentar-se a chamma que nós consome, do que procurar extinguil-a. O sentimento, os arroubos intensificão na razão directã dos obices e impossibilidades; as fagulhas tornão-se labaredas.

Se Josephina não surgisse envolta no manto de mysterios, se André a tivesse encontrado nas alléas da existencia, talvez ella passasse desapercibida. A imaginação é o primeiro elemento no pungir dos affectos.

No dia em que se derão os acontecimentos de magna importancia para esta historia em casa de Esperidião, pelas oito horas

da noite, José com companheiros de sua idade brincava na porta da rua, quando dois vultos de mulheres com passos irregulares o ar espavorido acercarão-se d'elle.

— Onde é a casa do Sr. André Dias? disse uma voz.

— Aqui mesmo, respondeu o crioulo, adiantando-se theatralmente.

— Queremos lhe fallar.

— Não póde ser, continuou no mesmo tom.

— E' necessario.

— Nhonhô está na chacara.

— Na chacara?! exclamarão as duas.

— E' verdade.

A primeira que fallára insistio:

— E' longe?

— Na Varzea.

— Vai chamal-c, ó bem perto.

— Falla n'um cartuxo de beijús.

— Ah! eras a senhora?!

— Sim, mas vai...

— Então entrem, minhas senhoras.

— Fez entrar as duas mulheres para a varanda, accendeu o lampião de kerosene, e depois de contemplar por momentos o bello rosto de Josephina inda humido de lagrimas sahio a correr, dizendo consigo: Ah! nhonhô como vai ficar contente!

— Parece um sonho tudo isto, Maria!

— Sonho!?

— Sim, inda tremo... Na rua, em cada vulto eu via Espiridião medonho como a morte... Aqui mesmo... meu Deus! o coração dóe-me, parece que quer estalar-me o peito... Tenho a frente ardendo... Não sei se fizemos bem.

E de facto o semblante extremamente pallido confirmava as palavras.

— Sinhasinha, fizemos bem. Entre Zacharias e o Sr. André ha que pensar?

— É André?

— O que?

— O que ficará pensando de mim?

— O que ficará pensando? Sinhasinha sabe fallar, conte tudo.

A donzella pousou a face na mão e o cotovello na mesa e ficou absorta em seus pensamentos, com os olhos fitos na luz do kerosene.

Meia hora decorreu na mesma attitude.

Um passo lerdo acompanhado do ruido de chilenas soou no corredor, fazendo gemer o soalho.

— Quem será? disse a negra.

Baterão, gritando do corredor:

— O' de casa!

— E agora?

— Vai ver quem é, Maria.

A crioula foi.

— E' aqui a casa do André Dias? rostrugio uma voz de diapação tremendo.

— Sim, senhor.

— Quero fallar com elle.

— Não está em casa.

— Esteja ou não esteja, co'o diacho! Quero esperar este caborteiro!

— Mas...

— O homem affastou Maria e entrou sem a menor cerimonia.

Trazia o leve pala de vicunha que o campeiro rio-grandense usa na estação calmosa, rossilhonas que excedião a altura do joelho, na cintura a classica guayaca com mimosos lavores e aprezilhada por duas onças, e d'ella atravez uma faca com cabo e bainha de prata.

Quando vio Josephina tremula diante d'elle, soltou um chugá! que parecia interminavel, e com tão varias modulações, que, se quizessemos analysal-o, ser-nos-ia impossivel. Aquella interjeição exprimia tristeza, alegria, despeito, pismo e não sei que outros sentimentos que lhe rebentarão do coração.

— Foi a dona entoncces quem abombou o rapaz!?

— Eu?!?

— Quem por um cambalacho o segura?

— Eu, senhor?!?

— Quem o faz arrastar um endiabrado cambão?

— Meu Deus! não o comprehendo, senhor!

— Quem o tem pelo rabicho?

— Não o comprehendo, senhor, retorquiu Josephina, tremula, porém fazendo esforços para conter a emoção. Demais não sei com que direitos vem interrogar-me.

— Com que direito?! Com todos os diabos! Pois entoncces rouba-me o rapaz, o faz perder uma chibante pilotagem e vem-me cá com uma pergunta d'essas?! Sou o pai de André...

— Meu Deus!

— Senhor, interveio a crioula, minha senhora é a primeira vez que bota o pé aqui. O Sr. André nem a conhece.

— Quem chamou-te aqui, negra?! Tua senhora é uma especuladora... Não póde um homem ter um filho nos estudos, que logo não venha uma mutuca agarrar-se a elle e fazel-o desembestar.

Josefina adiantou-se até Francisco Dias.

— O senhor não me conhece, pensa mal a meu respeito. Sou innocente, creia-me, o jurô por tudo que ha de sagrado. Não faça juizos temerarios sem ouvir-me e saber os motivos que me troucerão a esta casa... Sou uma filha familia...

— Chuéga! interrompeu elle com explosão, entoncos por cá as filhas familias visitão os rapazes solteiros?!

— Oiça-me...

— Qual ouvir! Não creio em contos... E a dona saia, porque quero ensinar o velhaqueador de meu filho.

— Senhor! murmurou supplice e com as lagrimas a reben-tarem.

— Saia, dona, saia, senão vou-me ás autoridades.

— Não sahirá! bradou André, estreitando Josephina com delirio.

— Eras tu, prosequio, affastando-a um pouco de si para contemplal-a... Como és bella! Como te amo! E para que me fizeste soffrer tanto tempo?... Como te chamas, linda flor de meus amores?

— E julgas, André, que eu soffria menos? Dia por dia vivi só para amar-te... Desfalleço...sou tão feliz! a emoção é tão funda!... Senta-me... Que vertigem!...

André foi sental a, e a seus pés travando-lhe das mãos, beijava-as phreneticamente.

Ambos choravão.

— Teu nome?

— Josephina.

— Josephina?... E' uma harmonia! Como sou feliz!...

— André, quem é esta moça? disse o pai um tanto commo-vido pelo quadro, mas irritado pelo desrespeito do filho em não o ter saudado.

— Minha esposa, respondeu André, erguendo-se e indo beijar-lhe a mão.

O velho retrahio o braço.

— Não és meu filho.

— Já o sabia, tornou o moço sacudindo a fronte com altivez. Felizmente para viver não tenho necessidade d'um pai desapiedadado e sem coração, que teve a coragem de renegar seu filho e até de suspender-lhe as mensalidades...

— Atrevido! rugio Francisco Dias levantando o rebenque que trazia enfiado no punho.

Josephina que corraera a interpor-se entre ambos soffreu a flagellação.

André desprendeu um bramido, uma nuvem passou-lhe sobre os olhos, ia arremessar-se como o jaguar ferido, sobre o agressor.

A moça em esforço superior á suas forças prendeu-lhe os pulsos.

— André, André! é teu pai!

— Não tenho pai. . . O homem que abandona-me, insulta-me depois, e não contente ainda vai em seus rancores ferir a esposa do filho, não é um pai, não tem mais direitos ao amor filial, é um. . .

— André, por nosso amor!

O velho nada ouvia. Quando reparou que flagellára Josephina, atirou para longe o rebenque e começou a passear, manifestando a oppressão que sentia, no resflego descompassado e difficuloso.

— Bater uma mulher! Por Deus! é a primeira vez que tal me acontece! Foi por um bamburro, porém bati. . . deshonrei-me! Assim reflectia elle, e estava humilhado ante o tribunal de seu fôro intimo.

Josephina, conseguindo abrandar a colera de André, acercou-se do estancieiro.

— Meu pai! aventurou ella.

Francisco Dias encarou-a com um semblante, onde o remorso se pintava em traços negros. Pela primeira vez sentio toda a belleza casta e bondade ingenua, que brilhavão no rosto da graciosa virgem, infiltrar-se-lhe n'alma, o que em sua consciencia poz mais em relevo o acto de brutalidade que acabava de commetter.

Elle tremia diante de Josephina.

— Perdõe-me, disse cingindo-a contra si, conheço que commetti um crime.

A gentil menina levou-o para junto de André e sentou-se entre ambos.

— Escutem-me. . . Meu procedimento em apparencia mereco grave censura. . .

— Nunca, Josephina, interrompeu André, fitando-a com embevecimento. . .

— Nunca, repetio o velho com um arder que mostrava a vontade que tinha de obliterar a lembrança de seu acto:

— Não te cegue o amor, André; eu sou a primeira a confessal-o. Errei e muito, e só as circumstancias em que me achava, pôdem justificar meus passos desde a primeira carta que te escrevi. É admissivel que uma moça se dirija a um homem a fazer-lhe confidencias ternas e affectuosas, quando elle nem mesmo a conhece? Não, como tambem não o é o que fiz esta noite.

— Falla como um livro! ponderou o estancieiro extasiado, ante tanta graça e llizeza e sobretudo pela voz que lhe pruvia a alma tão suavemente.

Josephina então referio a historia de sua vida.

Logo no começo Francisco Dias a interrompera.

— Tu, filha de Manoel de Moraes!?

— Conheceu meu pai?

— Se o conheci! Chuéga! que em 38 no ataque de Rio Pardo eramos companheiros d'armas, fizemos agachadas do diacho, suspendemos caramurus até em seios de laço... Depois cada um foi para seu lado e só passado um anno, nos topemos na presinganga.

Ella terminou.

André e o pai fizeram côro em anathemas contra Esperidião.

N'este comenos surgirão o taberneiro, um inspector de quartirão e Chico Caipóra entre dois policiaes.

— Apanhei-os na ratoeira! gritou o famigerado marido de Pulcheria.

— Ueh! Pois são estes os dois pombinhos? disse com ar atoleimado a autoridade, emfiando a faixa auriverde que sobre elle produzia o effeito d'uma perola em lodaçal... Heh! heh! heh!... A meniua julga que é só fugir para a companhia de qualquer tramanzola!... Heh! heh!... Que não temos leis?!... Que o iuspector de quartirão está com os olhos fechados?!... Heh! heh! heh!... Sou um fiel cumpridor do serviço de S. M. o imperador... E vamos... hoje mesmo ha de casar com o Sr. Zacharias... Heh! heh! heh!

E tinha um riso de idiota aquelle homem, que em vez de assustar despertava compaixão!

Tambem André não manifestou o menor movimento, quer de espanto, quer de terror. Josephina sentira uns calafrios com a presença do tutor, mas ao contemplar o semblante do moço, onde boiava um sorriso de superioridade intelligente, readquiria coragem.

Francisco Dias do que não gostou muito foi de ver a faixa bicolor. Não receiava bater-se com uma centena de homens de espada, porém de homens da lei elle os temia mais do que alguns rodeios de bois chucros.

— Entonces o que querem por cá? perguntou elle com um tom de quem manda atalhar a disparada de uma tropa.

— ● que queremos?! Heh! heh! heh!...

Esperidião tomou a palavra:

— O que queremos, senhor? Nada mais do que esta moça. Foi seduzida para fugir de casa do tutor, servindo de instrumento para semelhante fim aquelle velho. E indigitou o Chico Caipóra.

— E' isto mesmo... Heh! heh! heh!

Chegou a vez de André:

— Está lembrado, Sr. Esperidião, do passado? Esqueceu-se

tão de pressa? Pois eu ainda sinto saudades! Bons tempos que se forão!

E depois de breve pausa :

— Vamos recordal-os, Sr. Esperidião? Não gósto de gastar polvora com chimangos, mas por um divertimento...

O taberneiro vendo que não tirava partido em responder ao remoque, voltou-se para o inspector do quarteirão.

— Cumpra o senhor o seu dever.

O homem da faixa acenou para os beleguins e fez-lhes a seguinte arenga :

— Soldados de S. M. o imperador, espadas fóra das bainhas e levem tudo para o chilindró... Heh! heh! heh!... Levem e agora veremos quem é que póde mais... Heh! heh! heh!.....

Os policiaes obedecerão, avançarão sobre elles.

— Chuéga! Temos rusga? disse o velho, pondo-so de pé e tomando a attitude de quem afa uma adaga.

— Heh!... heh!... ria-se o inspector.

Mas o Chico Caiçóra, que adivinhou a resistencia nos seus companheiros, agarrou-o logo pelo gasnete, turbando-lhe o jubilo policial.

André, que era intrepido como as armas, com um movimento de extrema ligeireza desarmou um dos quãdrilheiros, enquanto Francisco Dias colgava o outro e sentia pruridos de quebrar-lhe a cabeça contra um portal ou colaphisal-o bem com as manoplas de ferro.

O crioulo José quiz tambem tomar parte na luta, e segurando-se por detraz nas gambias do taberneiro, fel-o cair em todo o comprimento, batendo com a testa no soalho.

— Vamos ao delegado, aconselhou Francisco Vieira. E' um antigo conhecido que sabe muito bem quem é o Sr. Esperidião.

E forão-se. A autoridade e os assecias parecião gambás agarrados por gallinhas.

Antes de fecharmos este capitulo, devemos explicar como Esperidião soube da sahida de Josephina.

O Catiça, apaniguado do vendelhão, vio dois vultos que sahião e seguiu-os. Vio tambem que Chico Caiçóra fóra encôntral-os, travára rapido dialogo, separando-se logo sem comtudo deixar de acompanhal-os ao longe. O idiota foi em marcha batida referir tudo ao taberneiro que dava-se inutilmento em busca da pupilla.



XXI

O HOMEM PÕE E DEUS DISPÕE

Esperidião, quando fugio-lhe o passarinho e portanto o el-dourado de seus sonhos, quando o casamento de Josephina com André fora judicialmente decidido, apresentou uma conta exorbitante de despezas que fizera com a pupilla durante os annos de tutela.

Francisco Dias que dispozera-se a « amansar o puava do bodegueiro », como o dizia, não quiz admittir transacção de maneira alguma, chamou habeis advogados para defender os bens da moça, ameaçados de novas delapidações, já sendo quasi provado que grande desbarato tinha havido durante a gestão do taberneiro. Este que lobrigava ruina total de sua fortuna e talvez algum processo crime se a herança com os redditos desde o fallecimento de Moraes fosse integralmente restituída, de seu lado intentou acção para rehver o despendido, e não poupou esforços e muito menos dinheiro.

Um pactolo derivou atravez da cocanha do fôro.

Francisco Dias emperrado e recalitrante não quiz ceder uma pollegada n'este terreno; portanto creou nova verba em seu orçamento, verba enorme, illimitada, atterradora!

André e Josephina dizião-lhe :

— Meu pai, paguemos, não façamos questão. Somos felizes, não importa-nos, nem faz-nos falta a quantia que Esperidião exige.

Mas o estancieiro tendo a seu favor a palavra autorisada do tocaio, o Chico Caipóra, não deu-se por convencido com as razões dos dois namorados e continuou cada vez mais obstinado em « ter no mundo o bodegueiro », suas palavras textuaes.

A solução do pleito foi fatal ao tutor, que d'um momento para outro vio de par em par abertas as portas d'um calabouço para recebê-lo.

Pulcheria, ao saber do resultado, teve um ataque apoplectico, escapando para sobreviver paralytica, recebendo o obulo da caridade.

Zacharias, dois mezes depois d'estes acontecimentos, n'uma noite de embriaguez, fôra cambaleando até o Ponto Grande, em S. Paulo, e d'ahi despencou-se no fundo do Ticté.

Parece que nos negocios da terra ás vezes intervem a justiça

divina, e, sem esperar pelo juizo de Josaphat, aos olhos da sociedade humana, castiga os delinquentes, inflingindo-lhes a devida pena.

Esperidião, Pulcheria e Zacharias merecerão o fim que tiveram.

Deixemol-os, porém. O drama da vida é, como o pintou o celebre lord inglez, a pendula entre uma lagrima e um sorriso. Uns sorriem, outros chorão. Em duas casas contiguas, n'uma bailão, a alegria palpita em todos os semblantes; na outra mudez funeraria, velão um defunto, silentes prantos rolão pelas faces dos circumstantes.

O romance é o estereotypo das scenas do mundo. A copia fielmente.

Por isso tenhamos para a familia de Esperidião o *parce sepul-tis*. . . calemo-nos, morrerão. . . a vindicta social está satisfeita. . . Tratemos dos que vivem — martyres que sahirão puros do cadinho do soffrimento. Depois de tantas provas despontou-lhes um céu esmaltado de promessas risonhas.

André e Josephina casarão-sé. Foi uma cerimonia singela, em casa, sem ruido exterior, uma festa íntima como a nova existencia que surgia para ambos.

Chico Caipóra servio de testemunha a Josephina.

Radiava de contentamento, elle de casaca preta, gravata, luvas e collete brancos parecia o noivo.

Em seu pensamento Josephina era Ignezita; uma identificava a outra, as duas formavão um ser angelico nos mysticos arroubos de sua phantasia.

Que expressão divina d'elle transparecia em cada um dos gestos, em cada palavra, em cada sorriso que volvia da moça a André!

O ancião rejuvenescera, voltára á primavera. . . era feliz!

.....  
.....

Seis mezes decorrerão.

Estamos na estancia. André do dia em dia mais amava a Josephina, até o amor transformar-se em adoração. O casamento do Albino e Candóca effectuou-se. Zezé sempre inquieta e buliçosa não deixava o irmão e a cunhada, aos quaes consagrava a mais sincera e funda estima.

Reinava olympia serenidade. A estancia semelhava a um eden de ventura perenne. Nuvens de sinistro augurio não cruzavão por aquelle horisonte limpido e puro.

De vez em quando o correio trazia duas ou tres cartas do Chico Caipóra, enormes testamentos em papel de peso, que todos lião e relião sem nunca cansarem de lê-las.

Repetia elle a cada passo, como nas litanias da igreja: « Longe de vós, meus filhos, estou inconsolavel, morro de tristeza. »

Tambem em resposta recebia assumpto para vinte dias de leitura, o espaço necessario para que viessem novas remessas.

Só Francisco Dias é que a proporção que os ultimos acontecimentos ião-se desvanecendo de seu espirito e entrando para o limbo dubio da reminiscencia, ia-se tornando pensativo e largas horas por vezes ficava immerso em scismas que lhe envolvião a physionomia de leve mortecôr de tristeza.

O que soffria o patriarcha d'aquelle mundo, onde sua prole sorria? O que lhe fazia pender a fronte sobre o peito.

Francisco Dias procurando dar aos filhos a educação compativel com a epocha, tendo em casa professores contractados para semelhante fim, mandando vir até um piano para a fazenda, não lhe fôra possivel comtudo perder a linguagem e os modos campeiros. O pittoresco do traje e da palavra pínhão n'elle em relevo um dos typos nacionaes que com a mesela e invasão de estrangeiros e a marcha de cada povo em seus instinctos cosmopoliticos, irá pouco a pouco desaparecer. Apesar d'isto era um excellente homem. O valor intrinseco fazia esquecer a rusticidade do trato.

Uma ideia fixa o dominára, ô illudira por muito tempo, o arastára como o viajante após a miragem. Queria ter na familia um piloto ou antes engenheiro. O sonho, desfez-se d'encontro as tendencias refractarias do filho. A esperanza desvanecida, como o manto da bruma ao sol, atirou-o em Porto Alegre quasi em delirio. Ali a chusma de peripecias porque passára, os sentimentos e paixões que o moverão, fizeram-n'o esquecer no conflito incessante os projectos primitivos com raizes fundas no coração. De volta ao lar deparando a placida monotonia de outr'ora, pouco a pouco apagadas as varias impressões que recebera, antigos habitos e pensamentos viçarão de novo, por ventura com mais vehemencia. O litigio com Esperidião troucera pequena metamorphose na ideia primitiva. Não queria mais André formado em engenharia, sim em direito. Não teria o prazer de vel-o medindo os seus dominios, porém vel-o-ia decidindo uma questão de quatro sesmarias que existia pendente desde tempos dos pais, sem elle ter tido o cuidado de tornal-a conclusa.

Annunciava André a semelhante exigencia, elle que, quando não se achava emancipado, fôra tão contrario aos estudos serios? Duvidava e ruminando silenciosamente o novo plano, temendo até confial-o a quem quer que fosse, soffria o bom velho.

Eis o que motivava a melancolia que lhe velava os traços e o fazia esquivo á franca e espontanea alegria manifesta em todos.

Josephina dotada de olhar penetrante sondou-lhe a alma nos

mais remotos recessos, e em occasião opportuna obrigou-o a confessar tudo, promettendo conseguir de André a realização de seus desejos.

E' conseguiu facilmente.

André não era mais o mancebo leviano e assomado. A nova posição no gremio social, a convivencia com uma mulher intelligente e sensata modificarão-lhe poderosamente a natureza versátil,

Tambem tão depressa se resolveu, como partio com plena e indizível satisfação de Francisco Dias. Zezé acompanhou-o. De passagem por Porto Alegre levou consigo a Chico Caipóra.

Fagueiras auras os levem. Sejam felizes.

## XXII

### EM EPILOGO COM SEUS ARES DE PROLOGO

Era no Atlantico. A tarde cahia.

Eu encostado-á amurada do vapor contemplava um dos mais bellos espectaculos que é dado ao homem ver.

O globo do sol descambava lento e lento; descia da immensidade dos céos para a immensidade das aguas. Nem uma nuvem jaspeava o azul diaphano da athmosphera.

Reinava fundo silencio. Só o leviathan da marinha, o filho da intelligencia humana proseguia seu caminho, a determinados intervallos deixando ouvir o ronco compassado de suas entranhas, o resfolgar da civilisação pelas tracheas da machina; na face das aguas desenhando a esteira de espumas, na face do ar a esteira de fumo: só elle e a vaga que gemia d'encontro ao navio fallavão n'aquella immensa solidão.

Ha um momento então em que o olhar após subito deslumbramento descahe prostrado e melancolico. E' na peripecia instantanea, quando o astro do dia attinge a raia do mar e dos céos, toca a fronteira entre os dois abysmos. O dorso arqueado do oceano scintilla como se tivesse pedrarias incrustadas por escamas; parece um incendio que se reflecte em tudo. O proprio navio dir-se ia envolto n'um véo de côr esbrazeada.

O limbo do sol depois se immerge alem do horisonte e a tanta luz succede a sombra que se condensa desde os tons de rosa até a treva que apaga os lineamentos mais pronunciados da natureza.

E' durante este periodo de transição que a alma se embebe de Deus, se satura de saudades e incertezas, vóa por mundos igno-

tos. A melancolia pouza na frente do homem, como a noite sobre a terra.

Eu absorto estava entregue a meus pensamentos intimos, sem observar que a meu lado duas outras pessoas passavão pelos mesmos phenomenos.

— Aqui como é solemne o crepusculo ! disse uma voz repassada de sentimento.

Voltei-me.

Quem fallava era um moço que, meu companheiro de viagem desde as 11 horas da manhã, ainda eu não tivera occasião de trocar com elle uma só palavra. Era casado e viajava acompanhado da esposa e dois filhinhos. Era uma familia que a primeira vista inspirava sympathia.

— Não acha ? tornou elle, notando que eu me voltára á sua observação.

— É' um quadro que no mar ou na savana é sempre de sublime effeito.

— No mar sobretudo. Na savana, não sei se pelo costume, não lhe acho o mesmo colorido, não se me confrange tanto o coração. Criei-me n'uma estancia e por isso as scenas do pampa tornarão-se-me habituaes.

— E' filho do Rio Grande ?

— E' verdade, e o senhor ?

— Também.

Eramos ambos rio-grandenses, e se o facto de viajarmos juntos não estabelecesse mutuas e intimas relações, só esta qualidade bastaria para tornar de dois homens que pela primeira vez se encontravão um par de bons amigos.

Meia hora depois conheciamo-nos perfeitamente um ao outro até nas mais diminutas vicissitudes da existencia. Evocavamos o passado, fallavamos da patria e mais d'uma vez o coração palpitou-nos no peito indignado ante a marcha dos negocios publicos, ante a decadencia moral d'um povo que nascera para melhores destinos, e no entretanto avassalado pelo sceptro da corrupção !

A noite avançara com a palestra.

Elle afinal disse para a esposa que attenta nos escutava, a ás vezes entremeciando a conversação de judiciosos apartes.

— Recolhe-te ao camarim, Piplina : O sereno póde fazer-te mal.

— O sereno ? Não : retiro-me, porque vou ver os pecurruchos. Com licença.

Continuamos na pratica.

— Agora que está formado, o que pretende fazer ?

— Vou para a estancia. Ha dois annos tirei um pergaminho de que não me tenho servido.

Viajei pelo paiz antes de voltar para minha provincia. Depois talvez viaje pela Europa.

— Não estabelece banca de advocacia?

— Para que concorrer com outros que precisão mais do que eu? Seria uma injustiça. Demais aborrego as tricas do fóro, mórmente em uma epocha em que a legislação é a teia de Anacharsis, onde qualquer, que n'ella se envolve, fica inutilisado, se não tem dinheiro para comprar testemunhas, advogados, tabelliães e juizes, e portanto abrir brecha na parte adversaria...

— Nem tanto! E' descrença exagerada.

— Fallo em these; a virtude em poucas almas habita.

— Por esta mesma razão precisamos de homens que rodeem a magistratura e o mister não menos nobre de advogado, de prestigio e conceito. Não descreio da mocidade e do futuro.

— Não tenho forças, porém, para arcar com uma sociedade venal e corrupta. Se eu tivesse os cemellos de Argos e inda mais os cem braços de Briaréo, por certo aceitaria a justa; mas combater sem resultado, expôr-me ao ódio, ás calumnias, ás invectivas incessantes dos corruptores e corruptos, nunca.

— Opino diversamente, E' dever de um bom cidadão esforçar-se pelo progresso de sua patria. Os grandes exemplos no meio dos vicios e crimes por fim constituem o pedestal da regeneração social.

— Creio sinceramente, mas confesso que não tenho a coragem necessaria.

— Pelo que vejo não tomará parte na politica militante do paiz?

— Sobre este ponto os motivos superabundão.

Em primeiro lugar os partidós que pleiteião o poder não professão as minhas doutrinas; sou democrata fóra da esphera da monarchia, quero a republica federal, um governo como o dos Estados Unidos para minha patria. Só por semelhante divergencia não poderia filiar-me á politica actual. Em segundo lugar, admittido que eu tomasse parte no pleito, diga-me: Como poderia tolerar uma discussão, onde, de parte a questão de principios, farião de minha personalidade o alvo dos doestos e das calumnias mais infames? Não tenho eu visto acaso a imprensa tornar-se o pelourinho, onde atarão Felippe Nery e Felix da Cunha? O exemplo d'estes dois grandes cidadãos, verdadeiras glorias nacionaes e no entretanto arrastados pela lama, dará vontade a quem quer que seja de tomar interesse pelos negocios publicos? De certo que não. Se ao menos fallassem a verdade, como o fazem em Norte America, paiz em que a opinião é altamente soberana, mas calumniarem o individuo, e não satisfeitos ferirem sua propria familia!

— Tem razão.

— Se eu militasse nas fileiras de algum partido, e a baluagem venefica de adversarios indignos cahisse em meu lar, juro, meu patricio que tornava-me homicida. Atacarem um cidadão, rodearem seu nome honesto, do vilipendios porque elle professa ideias adversas, só isto é delicto que reclama severa punição...

— E' uma triste verdade que os odios partidarios ceguem os homens ao ponto de negarem o merito real, talentos e virtudes dos contrarios!...

E após ligeira pausa:

— No entretanto tão bello talento não deve ficar inactivo. A officina do trabalho é immensa. Ha espaço para todas as aptidões. As sciencias e as letras são entre nós um campo vasto e maninho que necessita de cultura.

— E acredita em abundantes méssees?

— Porque não?

— E' mais meço do que eu, eis a razão de sua inexperiencia. Por ventura não temos sabios? Grandes engenhos, vezações decididas? Temos. Porque não vemos sequer uma obra sobre qualquer ramo da sciencia universal, que é tão complexa? Pela mais simples das razões: Não ha leitores, não ha consumo. Alguns começam, publicão os primeiros ensaios e parão ali. Se proseguissem, sendo pobres, morrerião de fome; se fossem ricos, terião o desprazer de ver suas obras sagradas nas estantes das livrarias. E' isto incentivo para alguém escrever? Supponha que eu publicasse algum trabalho sobre agricultura, em vista da rotina de nossa lavoura que está atrazada, imbuída de preconceitos e servindo-se de instrumentos e methodos ha mais de meio seculo abandonados em outras partes. Quem o leria? Ninguém, pois os interessados, os agricultores são os homens mais iguorantes do paiz; em sua maxima parte nem sabem ler ou ao menos assignar o nome. Fosse eu fallar de irrigação, das machinas modernas, do estudo chimico das terras, da cultura simultanea das plantas, diga-me: De que serviria o empenho patriotico? Fallemos de litteratura e artes. Onde estão as obras de Felix da Cunha, Bastos, Vespúcio, etc.? Quem se lembra de publical-as? Não desaparecerão, servindo do pasto á polilha e ás traças?

Na cõrte ainda a este respeito se pôde fazer alguma coisa, apczar de Araujo Porto Alegre, Maccêdo, Alencar e outros não se sustentarem apenas dos magros proventos de suas producções. Nas provincias é necessario sabir-se de porta em porta a pedir o obolo da caridade para dar-se ao prelo as primicias da mais promettedora intelligencia.

Quem pois com tão sinistros auspicios quererá viver da pena? Meu patricio, fique certo, una taberna ou botequim valem

m vis, são geralmente a porta por onde entra em casa a fortuna e o bem estar.

— Tem e não tem razão. Pertence a nós, os moços, arrostar com o passado e com a indiferença actual; lancemos as bazes do edificio do futuro, o que não fizermos. ficará para a geração que succeder-nos. Trabalhar desde já é o roçado para metter-se o primeiro ferro...

— É alcançar o martyrio, não?

— Póde ser.

— Esta raça não vale o desperdicio d'uma gotta de sangue. Agora que sabe como penso a respeito dos differentes misteres que eu podia preencher, e até das lettras que em outros tempos sorrirão-me tão fagueiras, é licito que eu lhe pergunte a que carreira vai consagrar-se.

— Para viver só vejo uma.

— Qual?

— O magisterio; para alimentar as tendencias naturaes de meu espirito: a litteratura.

— Um dia levado pelas circumstancias ha de abandonar a ultima para sustentar-se escassamente com a primeira.

— Se não morrer, mostrar-lhe-hei o contrario, ha muita energia em ebullicão dentro de mim. Ha de mesmo consentir que eu escreva o romance de sua vida que, ha pouco, contou-me.

— Pois não. Tive algures a velleidade de escrevel-o, reuni cartas, apontamentos, fiz a disposição, mas nunca achei-me com animo de encetar-o. Zezé, minha irmã, de quem lhe fallarei depois, é um episodio mais interessante. De ambos amanhã lhe fornecerei os dados, apesar de duvidar que possa levar a effeito semelhante proposito. A vida positiva ha de desenganal-o. Todas as nobres aspirações, que nutre, ficarão petrificadas ao sopro gelido da indiferença e do materialismo.

.....

#### CARTA FINAL

CARO ANDRÉ,

Ha muito não me escreves. Talvez me esquecesses em tuas viagens além do Atlantico. Se algum dia leres estas paginas que se escondem n'um cantinho da *Revista do Parthenon*, verás que não esqueci o compromisso e desmenti o horóscopo que tiraste so-



bre minha existencia litteraria. Ha alguma coisa no mundo mais poderosa que a vontade do homem?

Desculpa se minha penna ao desenhar teu nobre character e as virtudes e graças de tua Josephina, apenas fez um pallido esboço dos originaes. A falta não é de vontade, sim de intelligencia.

A seu turno sahirá o romance de Zezé.

Recommenda-me a tua mulher, e dá dois beijos n'esses dois anjinhos, que são as flores de tua ventura.

Adeus.

Tea IRIEMA.

1869.

---

## ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

CORONEL ANDRÉ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

Porto Alegre, a encantadora rainha do Gualhyba, em cujo diadêma perfulge o cruzeiro do Sul; Porto Alegre a deslumbrante sultana, que gracil e meigamente se recosta em immenso divan de granito cutapetado pela luxuriante vegetação tropical matizada de flores e perylamos, parecendo ainda sahir de um banho no poetico lago, em que conserva immersas as plantas, como a nayade mythologica surgindo da onda annillada do Eleusis, não é a molle e lasciva odalisca, que inebriada pelos perfumes e vinhos, extenuada pelos spasmos dos sentidos, pela saciedade dos gosos se reclina voluptuosa e adormece indolente atufada no sedoso frouxel dos coxins do harem, despertando apenas e só á voz do senhor para embriagal-o a seu turno com os effluvios do seio de jaspe e o mel dos labios de granate; não. Porto Alegre, se fossemos aos tempos epicos procurar-lhe um similê, só o poderíamos encontrar na mãe spartana, que acalentava o filho aos sons dos hymnos da patria, e ainda este seria apenas o reflexo moral da indomita leão brasilica que, se dormita sobre os trophéos conquistados, acorda de salto para supplantar o aggressor e quebrar as cadêas com que porventura pretendão agrilhoal-a.

Porto Alegre, a leal e valorosa capital de S. Pedro do Rio Grande do Sul, a cidade heroica, fôra a fadada para ser a patria d'aquelle, cuja vida nos propuzemos delinear.

---

Filho legitimo do marechal de campo Wenceslão de Oliveira Bello e de D. Anna Flora de Oliveira Bello, nasceu o mallogrado

coronel André Alves Leite de Oliveira Bello em Porto Alegre a 23 de Setembro de 1818.

Contando apenas quatorze mezes, na companhia de seus pais, deixou a terra natal com destino á então provincia Cisplatina, de onde regressou em 1825 para tornal-a a deixar em breve, pois a rebellião que estremecia quasi todo o norte do imperio tornou necessarios os serviços do bravo commandante do 1º regimento de artilheria, que para ali seguio nomeado governador das armas do Rio Grande do Norte, cargo em que, um anno depois, passou á provincia das Alagoas em substituição a seu irmão, o brigadeiro Joaquim Marianno d'Oliveira Bello, que a seu pedido fôra reformado.

Sob a solícita e carinhosa guarda paterna o joven André Bello vio deslisar-se-lhe a infancia entre as variadas peripecias das viagens e das armas, quer nas guerras contra o estrangeiro, quer nos tremendos embates das lutas civis sem que porém sentisse pela nobre carreira das armas, em que se illustrarão seus antepassados, a minima attracção. Nem os europeis brilhantes, que significavão a alta hierarchia militar de sua familia, nem os gloriosos feitos de que fôra testemunha, nem os hymnos da victoria lhe vibrarão os echos d'alma, prendendo-o com seu imau irresistivel: sentia pela vida militar intima, profunda e absoluta negação.

Mas o homem põe e Deus dispõe: essa repugnancia, que soia justificar-se pelos impulsos da vocação que o resvalava no pendor de carreira completamente diversa, desappareceu momentaneamente envolta na onda subversiva que, irrompendo em 1835, assolou esta provincia durante quasi um decennio.

Arrancado á doce e aprazivel vida da familia, da vida incuidosa e feliz do campo, a que se retirára seu pai desde que se reformára, e que só fôra antes interrompida durante o pouco tempo que o joven Bello cursára n'esta capital a aula de latim, o ardoroso manço, collido de surpresa e aprisionado pelos revolucionarios, foi por elles obrigado a tomar as armas e combater em suas fileiras desde Janeiro de 1836 até Junho do mesmo anno, epocha em que, por doente, lhe concederão licença para ir-se tratar em sua casa.

As duras provações por que passára durante o tempo que, constrangido, combateu por ideia profundamente adversa áquella que professava, contra seus concidadãos, contra os proprios commandados de seu pai, se não lhe dobrarão o animo varonil, alquebrarão-lhe o corpo, e como que prepararão-lhe as brilhantes paginas em que o futuro deveria inscrever seu illustre nome, inspirando-lhe o nobre sentimento de condigna vingança.

N'essa dolorosa contingencia a que o impellira a mão negra

da fatalidade, que lhe amargurou a existencia até quebral-a contra a tosca cruz d'um tumulo, André Bello se houve por tal fórma, tão dignamente, que captára a entranhada sympathia dos chefes sob cujas ordens servia, e a estima e respeito de seus bravos companheiros d'armas.

Com os revolucionarios tomou parte no assedio e capitulação das forças imperiaes nas cercanias de Pelotas a 7 de Abril de 1836; no dia seguinte no combate e defecção do coronel Albano de Oliveira, combatendo na linha de atiradores, e após no bombardêo á esquadilha de Greenfel; — no combate do Passo dos Negros, e na pugnaz passagem do S. Gonçalo; marchando ainda a sitiar a cidade do Rio Grande.

Tendo porém obtido permissão para tratar-se, o novel guerreiro apenas restituído aos seus, descurando com total desprendimento o ruinoso estado de sua saúde, exemplificando assim a sua abnegação e patriotismo, tratou logo de convocar seus parentes, amigos e visinhos, fazendo-se elle o centro d'essa reunião, para com meritorio empenho guardarem o districto em que residião das incursões inimigas, projecto esse que realizou em Agosto d'esse mesmo anno, pela junção com os grupos de voluntarios organisados pelos irmãos João Pedro de Abreu e Francisco Pedro de Abreu, actual barão de Jacuhy, prestando essa força, assim constituida e computando ao maximo sessenta individuos, os mais relevantes serviços á causa da ordem.

Tornando-se logo notavel pelo arrojo e bravura que demonstrava, esse pugillo de voluntarios foi atacado e pertinazmente perseguido pelos revoltosos.

Convencidos porém elles de sua inferioridade numerica, procuraram illudir o inimigo, logrando, não sem extraordinaria difficuldade, reunirem-se nas proximidades de Santo Amaro ás forças do tenente-coronel Antonio Manoel de Azambuja em Dezembro d'esse mesmo anno.

Uma vez reunidos, concertavão um plano offensivo e se predispunhão a executal-o quando o inimigo, que os vigilava attentamente, acommette-os de sorpresa e os derrota ao romper do dia 6 de Janeiro de 1837, causando-lhes perdas tão consideraveis que, para avalial-as basta notar que de todo o estado-maior do tenente-coronel Azambuja, apenas o alferes Bello pôde escapar-se, e reunido aos extraviados, retira-se em ordem, resistindo heroicamente ao inimigo, que os perseguira até o mato que orla as margens do Jacuhy, de onde passarão a nado para uma ilha fronteira a villa do Triumpho, cujos habitantes lhes prestarão immediatos e amplos soccorros.

Este revz ao ser sabido n'esta capital motivou providencias de parte do governo, que fez seguir immediatamente para o Trium-

pho o marechal Antonio Carneiro da Fontoura e diversos outros officiaes de confiança, e entre elles o visconde de Camamú. Este facto de esplendido effeito moral unido á heroica resistencia anterior, deu á força de que forão encorporadores Bello e os irmãos Abreus grande encorajamento, incitando-os a reorganisarem-se para novos commettimentos, quando a defecção e aprisionamento do general Antero Ferreira de Brito mudou a face da guerra e convenceu-os da necessidade de se reconcentrarem em Porto Alegre, que não tardou a ser assediada pelos revoltosos.

Por esta occasião foi instado o nosso heróe á assentar praça no exercito sob promessa de lhe ser garantido o posto de alferes, o que elle recusou allegando não ter vocação pela vida militar, e não ser tambem essa a vontade de seu pai; alistando se porém como voluntario em 21 de Março d'esse anno no 3º batalhão provisório de guardas nacionaes.

A 21 de Junho de 1837 foi promovido a alferes da guarda nacional por actos de bravura praticados no dia 18, na sortida contra as forças sitiantes.

A 29 de Setembro d'este mesmo anno tomou parte em outra e identica sortida.

O general Elizario, em sua ordem do dia de 25 de Julho de 1838, elogiou o alferes Bello pela bravura e pericia provados no commando da força de infantaria, que operou de combinação com o tenente Francisco Pedro de Abreu, por occasião da sortida feita contra o inimigo, que deu em resultado a derrota d'este e a reivindicção de um cantão perdido no desastre do Rio Pardo com a derrota do marechal Sebastião Barreto, brigadeiro Cunha e Caldeirão.

Sendo a 16 de Setembro nomeado ajudante de campo da 1ª brigada, ao mando do coronel Luiz Manoel de Jesus, foi por decreto de Dezembro d'esse mesmo anno confirmado no posto de alferes para o 2º batalhão de caçadores, em remuneração aos relevantissimos serviços prestados, nomeação que reluctou aceitar e com a qual só se conformou quando, em virtude do decreto da *Republica Rio Grandense*, de 11 de Novembro de 1836, forão confiscados todos os bens de sua familia reduzindo-a quasi á miseria e tornando-lhe então precisos os soldos que vencião elle, um seu irmão mais moço e seu velho pai, que por isso requereu e obteve não só melhoria de reformá, como lhe mereceu a nomeação de presidente da provincia de Sergipe.

A 3 de Agosto de 1839 tomou parte no combate da ponte da Azenha e a 2 de Dezembro foi promovido á tenente para o 1º batalhão de caçadorss.

Como ajudante de campo do coronel Jesus fez parte da expedição commandada pelo brigadeiro Elizario com o fito de leván-

far o assedio da capital, expedição que se mallograra com a perda das duas canhoneiras que guarnecião o rio Cahy.

Assistio ao combate de 25 de Abril de 1840, no qual os revolucionarios forçãro a passagem do Cahy, defendida pelo general Manoel Jorge Rodrigues; a 30 do mesmo mez, ao combate dos Pinheiros e a 3 de Maio seguinte ao do Passo do Taquary, merecendo especial menção em ordem do dia a maneira honrosa porque n'elle se portou.

Assumindo o commando do exercito o general Andréas, nomeou-o seu ajudante de ordens, lugar de que pedio exoneração passando a servir o de ajudante de campo da 4.<sup>a</sup> brigada sob as ordens do general João Paulo dos Santos, assistindo as surpresas que os revoltosos tentãro contra o exercito imperial na coxilha de Sant'Anna, na estancia dos Pintos, em Maio. Tomou parte activa nos combates de 12, 13 e 14 de Junho no rio Santa Maria, no passo de S. Borja, e no de 22 do mesmo mez no banhado de Inhãtium, e a todas as escaramuças que se seguirãro até a reconcentração do exercito aos rincões de S. Pedro e S. Vicente, tudo em 1840. Sendo mandado á côrte em objecto de serviço foi-lhe dada a transferencia e a nomeação de ajudante para o 1.<sup>o</sup> batalhão de fuzileiros a 15 de Maio de 1841.

Achando-se na côrte quando rebentou a rebellião da provincia de S. Paulo para ella seguiu com seu batalhão, recebendo ao chegar á villa de Areias, do ministro José Clemente Pereira, então na pasta da guerra, ordem de ali organizar um corpo de voluntarios de guardas nacionaes, commandando o qual tomou parte no combate dado nas circumvisinhanças d'esta villa e na renhida batalha de Silveiras, que foi tomada aos rebeldes. Por estes combates foi promovido a capitão em 27 de Maio de 1842 contando antiguidade de 18 de Julho do anno anterior.

Suffocada a revolta em S. Paulo pedio e obteve exoneração do commando do corpo de voluntarios, que organisára, afim de se ir incorporar ás forças ao mando do actual duque de Caxias, em operações na provincia de Minas Geraes, quando a batalha de Santa Luzia poz termo á revolta.

Sendo este illustre general nomeado presidente e commandante em chefe do exercito em operações n'esta provincia o então capitão Bello pedio passagem para o 3.<sup>o</sup> batalhão de infantaria com o qual veio para o Rio Grande a 24 de Dezembro de 1841, fazendo aqui toda a campanha até 1845, tendo tomado parte brilhante no combate de Poncho Verde, merecendo por isso ser condecorado com a venera de cavalleiro da imperial ordem da Rosa.

Regressando á corte matriculou-se na escola militar, sendo em Dezembro de 1850 approved em todas as materias do 1.<sup>o</sup> anno do curso de infantaria.

Frequentava o 2º anno, quando offereceu-se, e com o então barão de Caxias, tornou ao sul, com o 2º batalhão de infantaria a que pertencia, seguindo com elle para o Estado Oriental, de cuja campanha, apenas concluida, marchou com a divisão brasileira, que fez parte do exercito alliado contra o tyrannó Rosas, combatendo gallhardamente na batalha de 3 de Fevereiro de 1852, em Monte Caceros, na frente e guiando a linha de atiradores, que tomou de assalto a soteia, ultimo baluarte que resguardava o poder terrífico do barbaro dictador. Pelos actos de bravura praticados n'essa memoravel jornada foi o capitão Bello elogiado, e promovido a major por merecimento — ainda uma vez comprovado nos campos de batalha — por decreto de 3 de Março seguinte. Concluidas as duas gloriosas campanhas, o imperterrito major recolheu-se ao 5º batalhão de infantaria para o qual fora despachado; sendo ainda pelo valor demonstrado e serviços prestados durante ellas agraciado com o habito de cavalleiro de Christo e medallhas de campanha.

Voltando á provincia, no gozo de uma licença, em fins de Julho, alliou-se á familia do barão de Gravatahy, desposando sua filha primogenita a Exma. Sra. D. Maria Emilia Pereira Bello a 19 de Agosto de 1853. Sendo transferido do 5º para o 7º batalhão de infantaria, resignou o resto da licença, seguindo a 28 d'esse mesmo mez a reunir-se a seu batalhão, em Jaguarão, com o qual seguiu fazendo parte da divisão expedicionaria para a republica Oriental do Uruguay a 25 de Março do anno seguinte.

Ambicionando a illustração do espirito tanto quanto a gloria das armas e as virtudes do cidadão, o major Bello matriculou-se na academia militar d'esta provincia para estudar o 2º anno, que completava o curso de infantaria, em cujas materias foi plenamente approvado em Dezembro de 1855.

Por decreto de 18 de Novembro foi condecorado com o habito de Aviz, e por outro de 2 de Dezembro tambem de 1855 promovido a tenente-coronel commandante do 5º, de cujo batalhão foi, a seu pedido, transferido para o 4º, então estacionado no Alegrete, sendo pouco tempo depois o gallardo batalhão de seu commando pela sua disciplina e moralidade chamado a fazer a guarnição d'esta capital.

# LUCIANO

(PAGINA INTIMA)

---

Quando me vierão dizer que tu estavas seriamente apaixonado por uma gentil morena, que soubera prender-te ao seu carro de triumphos, não pude deixar de soltar uma exclamação de duvida.

E' que eu te julgava tão borboleta em questões de amor e tão profundamente sceptico, que me parecia quasi impossivel uma rendição de tua parte.

« A mulher por quem me deixarei apaixonar (dizias-me algumas vezes) não ha de ser uma d'essas creaturas que nos aborrecem ou com a frivolidade de sua tagarellice ou com a esterilidade de seu espirito.

« Não me deixarei impressionar facilmente por qualquer entesinho de fórmias mais ou menos correctas, cheio de presumpções e de pó de arroz, que se occupe mais do seu toilette do que da sua educação moral e intellectual.

« Exigente como sou, não posso accommodar-me ao progresso do seculo n'este ponto.

« Uma menina affectada, que estuda ao espelho a maueira por que ha de lançar um volver de olhos ou fallar ao seu par da segunda quadrilha, tem para mim a graça exquisita de uma linda boneca movida por molas, que sabe dizer um certo numero de monosyllabos e... nada mais.

« Quero vêr na mulher alguma coisa mais do que a belleza plastica, do que um composto de sedas e agua florida.



« O ente feminino tal como eu o concebo, modesto, mas intelligente; pobre, mas opulento de sentimentos nobres, que me faça entrever o paraizo na terra, supponho que só existe (infelizmente) na minha imaginação.

« A' vista d'isto, meu amigo, estou quasi te affirmando que nunca me casarei. »

Era isso o que me dizias quando te consideravas invulneravel como Achylles e desprezador do bello sexo como o Narciso mythologico.

Ainda me lembro de duas quadrinhas que tu me repetias sempre :

Mulheres, mulheres, são todas bem sabias !  
Tem todas taes labias que cauzão-me horror !  
Fallazes sereias que ao pó nos arrastão,  
Que a vida nos gastão com mostras de amor !

Os nossos affectos tão puros e santos,  
Suspiros e prantos ardentes de amor,  
São pagos ás vezes com tanta ironia  
Que a fronte cahe fria banhada em suor !

Por isso, ao saber que estavas profundamente apaixonado por uma linda morena, senti um desejo irresistivel, uma curiosidade mesmo feminina de conhecê-la.

Queria ver se ella reunia em si as qualidades que tu requerias para que uma mulher fosse completa.

Era impossivel que ella fosse uma creatura vulgar, *cheia de presumpções e de pó de arroz.*

Uma noite, proporcionou-se-me occasião de vê-la.

A descripção que vou fazer d'ella não é longa, mas merece um capitulo especial.

Ah! se eu fosse poeta, Luciano, em vez de um capitulo prosaico e sem sabor como o que vais ter a infelicidade de ler, faria... meu Deus! não sei mesmo o que faria!

## II

Era n'um baile.

- Ao entrar no salão esplendidamente illuminado e repleto de uma multidão de creaturas leves como sylphides e formosas como anjos, senti-me acanhado e surpreso.

Faze ideia.

Um rapaz como eu inteiramente retirado do bulicio dos salões, vêr-se de repente envolto n'uma athmosphera impregnada de suavissimos aromas, rodeado de visões semi-phantasticas de belleza, e ouvindo um rumorejo de vozes angelicas que nunca escutou no silencio do seu gabinete; um rapaz como eu havia de infallivelmente deslumbrar-se ao fitar esse novo mundo de emoções e sentir tumultuarem-lhe no cerebro mil pensamentos apaixonados e loucos.

Senti isso tudo; mas passadas as primeiras impressões, senti-me e procurei descobrir, atravez dos vidros do meu pince nez, a tua morena.

Vi passarem junto a mim muitas jovens de belleza correcta como a das estatuas hellenicas, formosos bustos de madona, na verdade; mas revelando em tudo: nos traços physionomicos, na affectação do andar e no espirito da conversação, que erão sómente formosos envulucros de almas frias e estereis como as regiões polares.

Passavão, arrastando nas dobras caprichosas de seus vestidos os corações ardentes de seus entusiasticos admiradores. . .

Uma, porém, de entre todas, prendeu-me a attenção.

Não se fazia notar pela magnificencia de seu toilette, nem pelo ar de soberania e de vaidade que characterisa a maior parte das atrizes dos salões.

Não havia mesmo em sna physionomia as linhas artisticamente divinas da Fornarina de Raphael ou da Beatriz de Guido.

Mas, Luciano, que expressão, que vida n'aquelle rosto singelamente illuminado por dois olhinhos bulicçosos, ardentes e feitiçeiros!

E aquelle mimoso amor-perfeito que ella prendia nos labios tão descuidosamente, sem consciencia de que ficava ainda mais arrebatadora assim! . . .

E aquelle corsolete de velludo cingindo uma cinturinha faccira e delicada como a haste de uma flor, e contornando um seio digno do sinzel de um Phidias! . . .

E aquelle diadema de rainha fulgurando ao clarão dos lustres como uma estrella na frente de um anjo! . . .

Não preciso dizer-te que ella era a tua morena.

Mas vou ser franco para contigo: não me deixei levar por estas apparencias, ás vezes enganadoras.

Sim. Não me limitei a admirar sómente as fórmias de seu todo angelico.

Depois de com algum custo vencer o meu habitual acanhamento, fui dansar com ella.

Logo nas primeiras palavras revelou uma intelligencia esclarecida e sensata, e sobre tudo uma educação verdadeiramente exemplar.

Passei com ella instantes de indizivel contentamento.

Que noite aquella, que tão doces recordações me deixou!

Até o nosso amigo *Desgenais*, que para com o bello sexo tem sido uma estatua de granito, sentio fundir-se-lhe o coração de bronze ao fogo d'aquelles olhos, a ponto de encommendar-me um acróstico!

Acredita-me, Luciano: se eu fosse poeta, se pudesse n'aquella noite verter em estrophes a profunda admiração de que fiquei possuido, e os sentimentos que me inundavão de alegria, acredita-me que seria talvez um novo Petrarcha!

Não te rias.

O amor é capaz de grandes transformações. . .

Amor! Não!

Não era esse o sentimento que vibrava em minha alma. . .

Não quero que tenhas ciumes de mim.

Fui um sincero admirador dos encantos de tua morena, porque era impossivel deixar de sel-o; paguei-lhe o meu tributo queimando alguns grãos de incenso de adoração. . . mas não passei d'isso.

Estou no mesmo caso do *Desgenais*.

Sei, porém, que as impressões, de que ella foi causa, gravá-rão-se em meu coração e morrerão talvez commigo; mas, não te assustes: por minha causa não sentirás o mais leve desgosto, nem terás motivo para um arrufosinho.

Sou teu amigo, e além d'isso ha uma cousa que eu temo muito mais que a tua inimisade: é o ridiculo de uns amores não correspondidos!

Quando conversares com ella, pergunta-lhe se se lembra do moço com quem dansou a quarta quadrilha no concerto e baile de. . .

Garanto-te que ella não te saberá responder!

### III

Agora que tenho acompanhado passo a passo a marcha progressiva do teu primeiro amor, e que tenho sido o confidente das

tuas aspirações de gloria e dos teus desalentos, Luciano, compreendendo o infortunio de que me fallas.

As naturezas nimiamente susceptiveis como a tua, organizações incapazes de arrostar as tempestades da vida, sentem-se desfallecer ao embate de qualquer ligeira contrariedade e veem em tudo prenuncios de desgraças iminentes.

A leve sombra de melancolia que te entristece o semblante, o sorriso sceptico que vejo de novo pairar em teus labios, não tem razão de existir.

E's moço ainda.

Tens as vestes saturadas do perfume da adolescencia, a fronte banhada pelas alvoradas dos vinte annes e a alma radiante ainda de emoções.

Para ti a vida, o futuro, o amor!

Fallo-te sinceramente: longe de lamentar-te, invejo-te.

Quando á tarde, na hora poetica das Ave Marias, recostado na jancila do teu mirante solitario, fitas o olhar melancolico e saudoso na casinha branca que além alveja...branca como um froco de neve e mimosa como um lyrio; quando vês assomar á janellinha o vulto airoso da virgem de teus sonhos e que ambos se embevecem n'uma contemplação toda mystica: acredita-me, Luciano, que tenho ciumes da tua felicidade e sinto não sei que vaga tristeza inundar-me a alma de prantos lembrando-me que como tu tive um anjo que com um sorriso dissipava as amarguras da minha existencia...

Foi um romance que o mundo não quiz comprehender...

Foi um sonho que passou com a brevidade de todos os sonhos!...

Tu, porém, não tens de que queixar-te.

A vida é para ti uma festa sempre nova, sempre variada, sempre esplendida de luz.

Não posso acreditar no que dizes n'este teu

## DESALENTO

Eu sou qual batel nas yagas  
Exposto a rijo tufão:  
Não sei a que estranhas plagas  
As ondas me levarão.  
Sobre este mar infinito,  
Eu vago como o precito  
Que errante na terra andou.

De fadigas semi-morto,  
Debalde procuro o porto  
Que o Senhor me destinou!

Debalde vagueio incerto  
N'este grande oceano a sós;  
Ninguem vem n'este deserto  
Minorar-me a dôr atroz!  
Meu batel das esperanças,  
Quão debalde tu te canças  
Vencendo as ondas cruéis!  
Corre, louco, em desatino,  
Até que a mão do destino  
Te espedace nos parceis!

E assim a vida se passa  
Sem um vislumbre de amor...  
Sob o peso da desgraça,  
Sem allivio á minha dôr,  
Entregue á inditosa sorte,  
Não vejo brilhar no norte  
A estrella de salvação.  
Qual espuma sobre as vagas,  
Não sei a que estranhas plagas  
Os ventos me levarão!

.....

Não posso acreditar nos teus versos. Exageras muito.

Mostras-me o quadro das tuas alegrias presentes e dos teus amores tão puros e tão reaes, barbaramente carregado de côres negras.

Não vês brilhar a tua estrella de salvação! Pois *ella* o que é mais senão uma estrella que te tem inspirado o estro e que te aponta o caminho da suprema felicidade?

Pobre Luciano!

Nem sabes o que desejas!

Estás a phantasiar desgraças como o doente imaginario de Moliere.

O que deprehendo de tudo isto é que estás louco... verdadeiramente louco de amores.

Tu mesmo o confessas n'aquella poesia

Rosa fragrante das gentis florestas,  
Deixas as festas pela vida além?  
Queres acaso transformar em prantos  
Os doces cantos que aos teus labios vêm?

Oh! não, meu anjo! Teu sereno rosto  
Mais de um desgosto vai soffrer ahi.  
Por esses bosques de tristonhas franças  
Quantas lembranças tu terás d'aqui!

Quantas saudades vão pungir-te a alma,  
Roubar-te a calma, te enlutar de dôr!  
Quantos martyrios em profundo ermo!  
Que dôr sem termo sentirás, ó flôr!

Não vás, ó rosa, entristecer teus dias  
Nas plagas frias de um sertão, não vás! \*  
Ali a morte encontrarás se fôres,  
Ali só dores, desprazer terás!

.....

Quanto sou louco! Desejar que um sonho  
Não vá tristonho se abysmar no pó!  
Vai, flor dos bosques! vai morrer no ermo!  
Deixa-me enfermo, sem amor e só!

Supponho que o céo não permittirá que uma tão linda rosa  
vá morrer no ermo.

São apprehensões tuas, que jámais se realizarão.

Caminha, pois, desassombrado e crente por essa vereda de  
flores.

E' tão bom amar-se aos vinte annos!

Tem fé no futuro.

Não creias que depois de quasi um anno de convivencia inti-

\* E' sabido que os sertões ordinariamente são ardentes; mas aprouve ao  
meu amigo Luciano imaginar um, frio e desanimador como um dia de in-  
verno.

Elle lá terá as suas razões.

ma, sem haver a menor quebra de affectos, a tua estrella desapareça como um sonho.

Mas . . . estamos expostos a contingencias imprevistas . . . a bem amargas provações . . .

Se acaso fores victima de uma desillusão, se a amisade que ella te mostra consagrar não for mais que um mero capricho de moça, — vem ter commigo, sonhador infeliz, que eu te darei um balsamo ás tuas dores . . . te contarei tambem a historia das minhas esperanças que morrerão e das minhas illusões que mentirão, e choraremos ambos sobre as creanças perdidas do nosso passado.

Choraremos em silencio e amargamente como Lamartine diante da cruz que assignalava a sepultura de sua infeliz Graziela.

*D. V.*

Porto Alegre, Março de 1874.

---

## TOBIAS

(EPISODIO DA REVOLUÇÃO)

A' noite, quando a sombra expande as azas  
No espaço que palpita de mysterios;  
Quando as médas da areia além s'estendem,  
Na treva alveção com clarões funereos;  
Nos céos scintillão as estrellas doidas;  
A ardentia no mar borboleteia  
Sobre a vertebra undosa, contorcida;  
Na lagoa em soluço a vaga anecia;  
Ilha das solidões, ó Sarangonhas,  
A quem fallas no êrmo, acaso sonhas?

Ao mar, ao vento, ao céu, á terra, a tudo,  
As lendas descortinas do passado;  
Ergues a tradição do pó das tumbas  
A iliada d'um povo celebrado.  
E o Rio Grande, esse heróe em outras eras,  
Cuja alma não morreu, apenas doime  
Do manto tricolor nas vastas dobras,  
Hoje estremunha sob o somno enorme,  
A's balatas que lembrão tanta gloria  
No bronzeo capitel de sua historia.

Ilha depositaria da legenda,  
Fallavas uma noite, de teus lares,  
Ao mar — que traduz a immensidade,  
Ao céu — que traz eternos luminares;  
E dizias: Ali estava o chefe,  
Em mesquinho lanchão sulcava as aguas,  
A esposa ao lado e a chusma de filhinhos,  
Que, por vezes, da frente curva ás maguas,  
Ao sorriso infantil lhe desterravão  
Os cuidados que aos mil o procuravão.

Ia o barco co'as velas enfunadas,  
A tricolor bandeira sobre o mastro,  
Labaro da Republica, aguia excelsa,  
Que no espaço se libra como um astro!  
Ia o barco, e de subito bombeia  
Imigas canhoneiras pela prôa.  
— Imperiaes! — bradou, e muito longe  
Na vastidão do lago a voz rebôa!  
Adeus, esposa, filhos, disse o bravo,  
Ou vencedor ou morto, nunca escravo.



E no convez surgirão da victoria  
Esses do Sul indomitos guerreiros,  
Esses homens que morrem, não se entregão,  
Que são da liberdade os cavalleiros ;  
E já tres canhoneiras, quaes caranchos  
Sobre uma jurity, ao fraco lenho  
Se arremessão certeiras do triumpho,  
Gritando feras, carregado o cenho,  
Ao commandante : Entrega-te, farrape!  
Arreia essa bandeira, immundo trapo!

Densa nuvem de fumo envolve a scena,  
Ribombo horrivel o horisonte abala,  
As ondas tremem, mesmo os ares silvão  
Ao célere zumbir de cada bala !  
— Caramurús, labregos! — só respondem.  
— A' abordagem, de pressa! os outros tornão.  
A' abordagem se atirão, vão raivosos  
Os tres monstros, achegão-se, contornão  
O batel miseravel que os arrostra,  
E combate, combate, não se prostra.

E foi medonho o quadro, infrene a pugna !  
Tres contra um! Covardes e não vencem !  
Os farrapos á voz do commandante  
Inconcussos, de pé, não se pertencem!  
São leões que no chão da luta tombão :  
— Republica ! exclamando ao sol da gloria ;  
— Republica! exclamando aos pés da morto  
Levados pelo archanjo da victoria !  
São os filhos da augusta liberdade  
Transpondo os penetraes da eternidade.

Tobias, nobre chefe, como queres  
Contra tantos oppor a face altiva?  
Não vês que os teus nas filas escasseião ?  
E a sorte para ti se mostra esquiiva?  
Como queres galgar barreira ingente?  
Entrega-te, Tobias, e do mastro  
Desiça o pavilhão, que na passagem  
Sempre, sempre deixou fulgente rastro...  
Que, se não vence em campos de batalha,  
Serve ao menos aos bravos de mortallia...

A multidão referve, esmaga o chefe,  
Que não se entrega, quer morrer na luta :  
— Trucidem, companheiros, elle exclama,  
Essa gente do rei, sem fé, corrupta! —  
E' tarde ! Nota então quão poucos restão,  
Nota inimigos pisando o tombadilho,  
A derrota a seu lado... em frente a morte !  
Já ouve das victorias o tonillo

Ao troar dos canhões... canções maldictas!  
E extorce-se em angustias infinitas!

O' não é tarde ainda! Esposa e filhos  
Vai abraçar, estreita-os contra o peito,  
Os olhos pranto aos tufos borbotando  
O livre que não chora, á luta affeito.  
— Patria, diz, sacrosanta liberdade,  
A innocencia vos lego no holocausto,  
São as flores da vida, as flores d'alma...—  
E co' a face incendiada, o corpo exaustado,  
Deseo o morrão acceso... a mão lhe treme...  
Foi um momento em que seu peito geme!...

Depois... o céu se obumbra em negras côres,  
Som ouco e cavernoso repercute,  
O sol se occulta, a vaga se levanta...  
O quadro só terror a tudo ineute...  
Depois... onde os imigos que se batem?  
Immensa solidão, silencio fundo!  
Nem uma voz surgindo dos abysmos!  
.....  
Brilha o sol como sempre sobre o mundo ..  
E a bandeira, esse manto da bravura,  
Boiando sobre o lago, ao sol fulgura!

IRIEMA.

1871.

---

## ERRATA

Na « Revista » do numero passado, na pagina 620, a scena XIII termina n'este aparte de Benedicto :

BEN. — Ah! sachristão! sachristão! Benedicto vingá-se, põe-te entre a cruz e a caldeirinha.

O resto pertence á scena XIV, depois de :

ANT. — Que é isto, homem? Agora é que noto, nem tocaste na sopa!